

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA E CONTEXTO SOCIAL: QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação inclusiva e contexto social [recurso eletrônico] : questões contemporâneas / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação Inclusiva e Contexto Social. Questões Contemporâneas; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-431-3 DOI 10.22533/at.ed.313192506  1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Educação inclusiva. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.81
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO VOL. 1

O livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas” foi dividido nos Volumes 1 e 2, totalizando 56 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo de organizar esta coleção foi o de divulgar relatos e pesquisas que apresentassem e discutissem caminhos para uma educação inclusiva permeando contextos sociais distintos.

Neste Volume 1 “A educação inclusiva e os contextos escolares”, foram reunidos 26 artigos que apresentam discussões partindo da formação de professores à aplicação de políticas públicas voltadas para a educação inclusiva, não somente da inclusão dos sujeitos com algum grau de deficiência física ou mental, mas também, a partir da inclusão, por exemplo, por meio da pedagogia hospitalar, do jovem e adulto e dos “superdotados”.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de três temáticas principais. São elas: “Deficiência intelectual e inclusão educacional”, “Cegos, surdos e vivências no ambiente escolar” e “Diversidade da educação inclusiva”. Esta coleção é um convite à leitura, pesquisa e a troca de experiências.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Educação Inclusiva e Contexto Social: Questões Contemporâneas”, com a intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar com o diálogo acadêmico na direção de uma educação cada vez mais inclusiva.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONTRIBUIÇÕES DA TECNOLOGIA ASSISTIVA	
Paulo Roberto Silva Sheila Venancia da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.3131925061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E A EDUCAÇÃO: ANÁLISE INSTITUCIONAL A PARTIR DA ARQUITETURA DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Paulo Emílio Gomes Nobre Adriano de Souza Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3131925062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>15</b>
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO AEE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE ANDRADINA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
Izabel de Lourdes Gimenez Souza	
DOI 10.22533/at.ed.3131925063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>28</b>
ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LDB	
Ângela Martins de Castro Daniel de Oliveira Perdigão Mariana Lima Vecchio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>34</b>
APROPRIAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NO CONTEXTO ESCOLAR A PARTIR DE SITUAÇÕES PROBLEMA: UM ESTUDO DE CASO	
Janete Aparecida Guidi Viviane Gislaine Caetano Auada Elsa Midori Shimazaki Rozana Salvaterra Izidio	
DOI 10.22533/at.ed.3131925065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
CAPACITAÇÕES DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO NO ENSINO DE CRIANÇAS ESPECIAIS NA REDE REGULAR DE ENSINO: SUBSÍDIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Grazielle Carolina de Almeida Marcolin Luana Taik Cardozo Tavares Alan Rodrigues de Souza Kíssia Kene Salatiel Meiry Aparecida Oliveira Vieira Lucilene Cristiane Silva Fernandes Reis Érica Gonçalves Campos Débora Paula Ferreira Jéssica Aparecida Rodrigues Santos Rozangela Pinto da Rocha Camila Neiva de Moura	

DOI 10.22533/at.ed.3131925066

**CAPÍTULO 7 ..... 54**

CONHECIMENTO PRÉVIO COMO MATÉRIA PRIMA PARA O APRENDIZADO: TEORIA DE DAVID AUSUBEL SOB O OLHAR DE MARCO ANTÔNIO MOREIRA

[André Luiz Borges da Silva](#)

[Thaís Ayres da Silva](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925067

**CAPÍTULO 8 ..... 61**

CONTRIBUIÇÕES DA TUTORIA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL/INCLUSIVA

[Aline Soares Guimarães](#)

[Angélica Marinna Cardoso Mota](#)

[Camila Alves Lima Gomes](#)

[Sinara Pollom Zardo](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925068

**CAPÍTULO 9 ..... 76**

CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE SAÚDE: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO

[Caroline Thaís Both](#)

[Andressa da Silveira](#)

[Cristina Numer](#)

[Neila Santini de Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.3131925069

**CAPÍTULO 10 ..... 88**

DIFICULDADES DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE ADOLESCENTES COM CÂNCER NA EDUCAÇÃO BÁSICA

[Cristina Bressaglia Lucon](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250610

**CAPÍTULO 11 ..... 99**

EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NA AMAZÔNIA AMAPAENSE: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NO CONTEXTO DA ESCOLA DO CAMPO

[Taiana Furtado dos Anjos](#)

[Allan Rocha Damasceno](#)

[Pedro Clei Sanches Macedo](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250611

**CAPÍTULO 12 ..... 111**

EDUCAÇÃO INTEGRAL E AS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO DOS SUJEITOS APRENDENTES

[Gleiciane Álice Oliveira de Carvalho](#)

[Andrezza Belota Lopes Machado](#)

DOI 10.22533/at.ed.31319250612

**CAPÍTULO 13 ..... 124**

JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA EM INSTITUIÇÕES ESPECIALIZADAS: QUESTÕES DA VIDA ADULTA

[Thais da Silva Oliveira](#)

[Gabriela Brutti Lehnhart](#)

Sabrina Fernandes de Castro

DOI 10.22533/at.ed.31319250613

**CAPÍTULO 14 ..... 136**

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM GRUPO NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Solange Regina Alves André

DOI 10.22533/at.ed.31319250614

**CAPÍTULO 15 ..... 146**

O CONTEXTO DAS DIFERENÇAS: CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Cheila Dionísio de Mello

DOI 10.22533/at.ed.31319250615

**CAPÍTULO 16 ..... 157**

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA ÓTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA

Marcus Edson Carilo de Mello Vieira

Tâmara Gabriella de Souza Cardoso

Joslei Viana de Souza

DOI 10.22533/at.ed.31319250616

**CAPÍTULO 17 ..... 164**

O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COMO POTENCIALIZADOR DE APRENDIZAGENS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fabiana Neves Bertolin

Edí Marise Barni

DOI 10.22533/at.ed.31319250617

**CAPÍTULO 18 ..... 175**

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Karolini Galimberti Pattuzzo Breciane

Isabel Matos Nunes

DOI 10.22533/at.ed.31319250618

**CAPÍTULO 19 ..... 189**

OS PARQUES INFANTIS: ANÁLISE LEXICAL DE TEXTOS SOBRE ESSES ESPAÇOS EDUCACIONAIS INCLUSIVOS

Aline de Novaes Conceição

DOI 10.22533/at.ed.31319250619

**CAPÍTULO 20 ..... 199**

PEDAGOGIA HOSPITALAR E INCLUSÃO: UM DIREITO À EDUCAÇÃO

Maria Elaine Gonçalves de Menezes Pinheiro

Maria Roseane Gonçalves de Menezes

Jocilene Maria da Conceição Silva

DOI 10.22533/at.ed.31319250620

**CAPÍTULO 21 ..... 208**

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE ATITUDES SOCIAIS PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO INTRODUTÓRIO

Felipe Rodrigues Martins



Sandra Regina Barbosa  
Edicléa Mascarenhas Fernandes  
DOI 10.22533/at.ed.31319250621

**CAPÍTULO 22 ..... 215**

PISTOLA: UMA HISTÓRIA INTERDISCIPLINAR, CAMINHOS DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Giovana Toscani Gindri  
Nathalia Neresi Pavanelo  
Raquel Brondísia Panizzi Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.31319250622

**CAPÍTULO 23 ..... 227**

O PROEJA : POR UMA POLÍTICA PÚBLICA CONTÍNUA

Maria Luzenira Braz  
Divina Elecir de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.31319250623

**CAPÍTULO 24 ..... 237**

PROTAGONISMO DO CORPO DISCENTE COMO PRÁTICA INOVADORA E INCLUSIVA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FTESM

Bárbara de Britto Terra Nova Gonçalves  
Viviane da Costa Bastos

DOI 10.22533/at.ed.31319250624

**CAPÍTULO 25 ..... 249**

TECNOLOGIA ASSISTIVA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NO CONTO E RECONTO DE HISTÓRIA NA ESCOLA

Débora Deliberato  
Fernanda Delai Lucas Adurens

DOI 10.22533/at.ed.31319250625

**CAPÍTULO 26 ..... 260**

MODOS DE SER AMOROSO DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO SURDO NA SUA RELAÇÃO COM UM OUVINTE: O CASO DA PELÍCULA JAPONESA “HIDAMARI GA KIKOERU” (2017)

DE DAISUKE KAMIJÔ

Rute Léia Augusta da Silva  
Hiran Pinel  
Vitor Gomes

DOI 10.22533/at.ed.31319250626

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 275**

## O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM GRUPO NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Solange Regina Alves André**

Secretaria Municipal de Educação do Natal

solreginaalves@gmail.com

**RESUMO:** O presente relato de experiência traz como escopo o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em grupo, na Sala de Recurso Multifuncional (SRM) da Educação Básica com crianças de 6 a 11 anos, sendo este, um serviço de apoio pedagógico especializado e ferramenta central da Política Nacional de Educação Especial (PNEE) na perspectiva inclusiva, buscando o estímulo a autonomia da subjetividade. Nesse sentido, a subjetivação se dá na troca dos diferentes ritmos e experiências das oportunidades entre o que o aluno realiza sozinho e em grupo, relacionado ao tempo de assimilação evidenciando a dinâmica de colaboração para a aprendizagem entre eles, em que compartilham uma experiência de convivência e de socialização, expressões, sentimentos, aceitação promovendo a superação dos desejos pessoais e coletivos, exercitando competências e possibilidades adaptativas que lhes são disponíveis em seus processos interativos, entre as limitações funcionais próprias e as estruturas e expectativas do meio em que vivem e o interesse pela adaptação ao meio e a valorização dos papéis sociais presentes na maioria das propostas educativas

atuais, decorrem da autonomia como finalidade da Educação de Pessoas com deficiência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atendimento; Inclusão; Socialização.

### 1 | INTRODUÇÃO

Uma nova concepção vai se consolidando em torno do conceito de Escolas Inclusivas e seu significado vai além da educação especial e aponta para o aprimoramento e a flexibilidade do Atendimento Educacional Especializado.

Dando ênfase a importância do atendimento aos alunos com necessidades especiais, respeitando suas limitações, particularidades e especificidades. Trataremos também da importância da parceria com os professores da “sala de aula comum”, a família e outros órgãos envolvidos direta ou indiretamente com o desenvolvimento do aluno, oportunizando, dessa maneira a construção do conhecimento.

As Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) foram implementadas com a intenção de subsidiar de forma técnica e pedagógica os serviços a serem desenvolvidos no Atendimento Educacional Especializado (AEE), “com vistas a favorecer a inclusão escolar dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e/ou

superdotação matriculados em classes comuns do ensino regular” (ALVES, 2006). Consideramos, portanto, que o planejamento do trabalho pedagógico abrange na SRM desde do critério de organização do tempo, espaço e distribuição dos alunos, a metodologia, elaboração das atividades, estratégias e ações que serão realizadas e a seleção e produção de recursos que serão utilizados no AEE.

Compreende-se, o atendimento em grupo com deficiências diferentes o objeto de estudo, e o processo interativo entre o método e os eventos subjetivos permitirá a interação ensino-aprendizagem, a lógica do controle experimental e o desenvolvimento das funções cognitivas que promovem aos indivíduos realçar os movimentos, e domínios das relações especiais, temporais e simbólicas.

Diante disso, o relato a ser apresentado, se organiza no aspecto do atendimento em grupo, tendo como foco a autonomia da subjetividade estimulada na troca de experiência, através de ações pedagógicas adaptadas a cada deficiência. Com isso, o momento de adaptação e o sentido autônomo da subjetividade, irá simbolizar a dominação do coletivo objetivado sobre o indivíduo.

## 2 | OBJETIVO

O Atendimento Educacional Especializado em grupo, tem o objetivo de oportunizar experiências do desenvolvimento educacional, psicológico e social, estimulando os aspectos pedagógicos da aprendizagem compartilhando expressões, sentimentos, aceitação, promovendo a superação dos desejos pessoais e coletivos, exercitando competências, possibilidades, capacidade motora e outros fatores na convivência humana.

## 3 | DESENVOLVIMENTO

Diante dos avanços educacionais a Sala de Recursos Multifuncionais é o local apropriado para nortear o atendimento educacional especializado, identificando as barreiras que cada aluno com deficiência enfrenta no contexto educacional comum, e o que o impedem ou limitam de participarem dos desafios de aprendizagem na escola, então,

“o tempo de aprendizagem quase considera os diferentes ritmos e experiências, carecendo de diferentes oportunidades, para a devida mediação entre o que o aluno consegue realizar sozinho que exige a mediação pedagógica relacionando os diferentes tempos, há que se forçar os adequados espaços, com os imprevisíveis recursos.” (SAVIANE, 2003, p. 6).

O desenvolver das habilidades e potencialidades que necessitam do exercício das estratégias de intervenções visando estimular a compreensão, a autonomia da subjetividade e a integração, partindo do estímulo a linguagem expressiva, sentimentos, exercitando competências e possibilidades que utilizem a realidade para a capacidade

motora e os aspectos pedagógicos na atuação das alternativas do trabalho na Sala de Recurso Multifuncional, objetivando a autonomia individual compartilhada em grupo.

A escola se consolida através da necessidade de conservação do homem na sociedade, trabalhando numa lógica que busque romper com os paradigmas e os princípios do chamado “modelo clínico”. Contudo, devemos ter cautela ao olharmos para a escola, levando em consideração seu papel fundamental, como direito básico, voltando o nosso fazer para o propósito de descentralizar a patologia nestes ambientes. E ao compreendermos a necessidade de estudo diante as diversas necessidades da escola, o Ministério da Educação dispõe que a Escola Comum deva ter uma perspectiva inclusiva,

“A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão”. (BRASIL, 2010)

A organização do Atendimento Educacional deve ser planejada pensando nas peculiaridades de cada aluno, que mesmo possuindo deficiências semelhantes podem apresentar formas distintas de aprendizagem (ROPOLI, 2010). A organização do trabalho pedagógico nas SRM deve ser caracterizada por sua natureza pedagógica (BRASIL, 2001), do planejamento à avaliação do aluno público alvo da Educação Especial. Consideramos, portanto que o planejamento do trabalho pedagógico abrange, nas SRM desde o criativo, a organização de tempo, espaço e distribuição dos alunos, a metodologia de elaboração das atividades, estratégias e ações que serão realizadas e a organização, seleção e produção de recursos que são utilizados no AEE.

Diante disso, a análise a ser apresentada se organiza em dois aspectos e tem como foco o planejamento: um para o funcionamento espacial, temporal e agrupamento de alunos no AEE e outro para a prática pedagógica a ser realizada nesse atendimento.

O Ministério da Educação desenvolve a política de Educação Inclusiva que pressupõe a transformação do Ensino Regular e da Educação Especial e, nesta perspectiva são implementadas diretrizes e ações que reorganizam os serviços de Atendimento Educacional Especializado oferecidos aos alunos com deficiência virando a complementação da sua formação e não mais a substituição do Ensino Regular.

Esse atendimento existe para que os alunos possam aprender o que é diferente dos constructos curriculares do Ensino Comum e o que é necessário para que possa ultrapassar as barreiras impostas pela deficiência, permitindo que o aluno traga a sua vivência e que se posicione de forma autônoma, e criativa diante do conhecimento, desenvolvendo as habilidades e potencialidades.

“(…) organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, que seja em um nível micro, que seja no nível macro”. (LEAL, 2005, p.1).

A organização do espaço e da funcionalidade de um ambiente educativo não deve ter um fim em si mesmo, mas esta correlacionada com os objetivos educacionais a que se pretende. Por fim, a construção e a organização dos espaços escolares, entre eles a SRM, devem possibilitar atividades de ensino que favoreçam o acesso ao conhecimento, “o desafio de levar os sujeitos a se tornar parte da produção pedagógica, individual e coletiva, resgatando a dimensão pedagógica do espaço social escolar, significa compreendê-lo por sua natureza política pedagógica” (ROSA; CALEGA; s. d. p. 7).

Para tanto, discorreremos a experiência da SRM/AEE na Secretaria Municipal de Educação do Natal/RN. A escola funciona com quinze salas de aula comum, na periferia, que teve início como um povoado e ao longo dos anos foi se caracterizado devido as construções das residências por posse e se transformou em um bairro populoso. Porém, com uma estrutura muito precária mais com uma grande quantidade de moradores convivendo em situações de risco, o qual prevalece a venda e o uso de drogas, álcool, desafetos familiares e doenças variadas, com alto índice de crianças deficientes, com transtornos, síndromes e autismo.

A escola referida está assistida pelo departamento de Educação Especial, com a implantação da SRM, que atende os alunos da escola e do bairro, devido à grande demanda de crianças deficientes na escola. A Sala de Recursos Multifuncionais funciona hoje com a disponibiliza de uma professora para o turno matutino, foi com essa necessidade e em parceria com os professores da sala de aula comum e a equipe gestora que modificamos o horário da AEE na SRM e para atender os alunos no contra turno em grupo, procurando atender às necessidades dos alunos e promover um processo de trocas e produção do saber nas diferentes formas de organização em grupo e acordo com a quantidades de alunos e/ou a diversidade de deficiência, além do tempo que está disponível para realizar esse trabalho são grupos de dois alunos em momentos diferentes com alunos do contra-turno. Considerando que o aluno com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades e/ou superdotação em suas limitações estão disponíveis a troca de conhecimento com os outros, como coloca Saviane (2003), as professoras das SRM elegem alternativas para otimizar de diversos critérios em busca de justificar seus modos de organização da SRM, dentre eles estão as caracterizações dos alunos por sua deficiência, pela idade, pela série e por nível de aprendizagem, acreditamos que este último quesito é bastante variável e definido, desse modo, cabe problematizar o sentido atribuído por elas em relação ao “nível de aprendizagem”.

Os alunos foram matriculados na SRM, e separados por grupos pela disponibilidade de frequência e compromisso dos pais em garantir a presença dos filhos. Nessa perspectiva aconteceu o encontro de alunos com deficiência diferentes, série e idade, acreditando no fato que é possível a cooperação e o entrosamento de modo positivo para o convívio coletivo, oportunizando experiências de aprendizagem. Segundo Joenk (2002, p. 10), com base em seus estudos sobre o pensamento de

Vygotsky,

“o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie.”

Nessa perspectiva é o aprendizado que possibilita o desenvolvimento, por isso, as experiências de aprendizagem através da troca entre os alunos. O grupo em questão é formado por M. G. do sexo masculino, com sete anos, cursa o segundo ano do Ensino Fundamental e apresenta Deficiência Mental com Hiperatividade Moderada, e S. L. do sexo feminino, cursa o quinto ano e está com dez anos de idade, apresentando Atraso Mental. Esta interação possibilita a autonomia frente ao cotidiano e a apropriação do conhecimento quando M. G. é acelerado e a S. L. é lenta, no qual houve a necessidade de ajudar um ao outro em sua dificultada, compreendendo que era capaz de auxiliar ao colega que é lento e tem dificuldade de memorizar, porém o outro se sentiu capaz de estar lembrando ao colega o assunto trabalhado. Sendo assim, M. G. por ser mais lento se sentia envergonhado e parava de fazer as atividades, aos poucos foi ficando à vontade em perceber as limitações do colega que o ajudava, porque também viu-se que S. L. precisava de ajuda durante os exercícios com as atividades simbólicas.

Percebemos que o comportamento facultativo de ajuda em ações individuais desperta o sujeito para o coletivo e que estão dependentes das disponibilidades um do outro, contribuindo para uma melhor inserção sócio cultural. Vygotsky (2002), afirma que “o homem passa para o estado de natureza para o estado de cultura pela atividade simbólica, as funções humanas denominadas de funções superiores construídas entre pessoas, ou seja, nas relações inter-pessoais”. Que pode ser compreendida como participação e apropriação dos significados construídas no tempo e no espaço na dinâmica do desenvolvimento humano.

O trabalho na perspectiva de que as habilidades são desenvolvidas de forma complexa, criativa, instável, subjetiva, individual e coletiva. Segundo Elali (2003), além de participar e integrar socialmente incluindo a interação com o desconhecido são aspectos a serem trabalhados no contexto escolar.

Sanchez; Perez, 2000; afirma que “momentos que estimulem o equilíbrio corporal, a coordenação motora, o desenvolvimento sensório-motor, o ganho de habilidades físico-motoras, o aprimoramento cognitivo, a linguagem, são linguagens significativas para a criança”.

O segundo grupo é composto por duas crianças do sexo masculino, um E.F. com idade de sete anos, apresentando deficiência intelectual, hiperatividade e transtorno na fala, cursando o segundo ano menor. E o outro é J.G. com idade de dez anos, cursando o quinto ano fundamental, exibindo deficiência intelectual, transtorno na linguagem e no raciocínio lógico matemático.

No encontro das deficiências trabalhamos os números naturais relacionando com a quantidade que cada número representa, utilizando material concreto, colorido e a representação dos números de um até dez. E exercícios de memorização, comparação

e reconhecimento, através do conhecimento prévio dos alunos, estimulando ao exercício ordenado do raciocínio lógico matemático a ação cognitiva da aprendizagem. Diante disso citamos,

“A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo da escola, o principal desafio que têm os pais, professores e profissionais que trabalham com crianças que apresentam dificuldades, é ajuda-las a adquirir confiança em si mesma, acreditar nas suas capacidades. Elas querem que as crianças aprendam de diferentes modos e que podem ser encaminhadas para encontrar estratégias adequadas para a aprendizagem, ao invés de procurar maneiras de esconder suas dificuldades”. (GÓMEZ; et al; 2010, p. 7).

Porém, o Atendimento Educacional Especializado tem uma grande responsabilidade em observar, detectar o problema e encaminhar para outros especialistas, garantindo um ambiente seguro, estimulante, onde os erros sejam permitidos, para que as crianças possam descobrir seus pontos fortes e compreenderem que sua dificuldade não existe por falta de capacidade e, a descobrirem habilidades que sejam úteis no seu aprendizado. Césa Coll, et al (2004, p. 23) afirma que “a integração, finalmente desenvolve em todos os alunos atitudes de respeito e de solidariedade em relação a seus colegas com maior dificuldade, o que constitui um dos objetivos mais importantes da educação”.

Entende-se que, a deficiência intelectual apresenta funcionamento intelectual significativo inferior à média. A pessoa com deficiência intelectual tem dificuldade para aprender, entende e realiza atividades comuns para outras pessoas. Muitas vezes, essa pessoa se comporta como se tivesse menos idade do que realmente tem (<http://aaid.org/intelectual-disabiliti>).

A integração do Atendimento Educacional Especializado em grupo, nessa situação, vem favorecer a desenvoltura cognitiva no mesmo espaço de tempo dos dois alunos, devido estarem no exercício de co-produção de conhecimento, memorizando em conjunto, correlacionado com o material concreto. Levando em consideração ainda o conhecimento prévio dos alunos, permitindo a organização do pensamento diante da situação problema vivenciada, estimulando o funcionamento cognitivo, atitudes, expressão oral, desenvolvimento psicomotor e limites, quando respeita a opinião e raciocínio do outro no controle do comportamento, usando o poder de iniciativa e atenção. Dando espaço a literatura, citamos Gonçalves (2000. p. 48), que discorre que, “ao estimularmos um órgão sensorial, surge um registro nos centros corticais e logo escorrem elaborações psico-cognitivas que permitem compreendê-lo e reconhecê-lo com base em nossa experiência prévia”.

No encontro em grupo, não acontece somente um processo de entrada e saída de informações, nem tão pouco as observações podem ser consideradas somente a partir da área emocional, mas o envolvimento que mobiliza o cérebro, psíquico, o cognitivo e o social, dando sentido aos processos perceptivos enquanto organização cognitiva sistematizada em uma forma muito pessoal de acordo com as experiências vivenciadas e as atividades desenvolvidas na Sala de Recurso Multifuncional.

“o desenvolvimento cognitivo é entendido como um processo que permanentemente se transforma como resultado de continuas estruturações que ocorrem nas diversas interações que a pessoa estabelece”. (PAÍN, S; 2003).

Durante o momento de socialização entre as duas crianças, observamos que E.F. tem dificuldade na fala, e a velocidade em que a expressão do pensamento é produzido causa dificuldade em realizar a comunicação, o qual dificulta o entendimento do outro. Nesse momento, a construção do pensamento implica na obtenção de uma ideia nova, sendo subjetiva, processada e construída interativamente.

O Manual Diagnóstico e Estatístico e Transtornos Mentais (DSM), relata que o Transtorno Específico de Articulação da Fala (CID 10 – F80.0), refere-se a dificuldade de fala da criança. Não ocorre necessariamente no nível articulatório, mas sim no nível perceptível e organizacional; afeta a discriminação auditiva perturbando os mecanismos de conceitualização dos sons e a relação entre significante e significado. Sua expressão oral é bastante pobre, os erros são variáveis. Em geral, a criança pode pronunciar bem os sons isoladamente, porém o erro acontece na pronúncia de palavras nos processos substitutivos e assimilativos (DSM IV, 2011).

A segunda criança J. G., foi observado que apresenta o Transtorno da Linguagem (CID 10 – 80.1), e exibe uma dificuldade na compreensão e produção, demonstrando um atraso mental e linguístico, se comunicando com muita dificuldade. Por meio do desenvolvimento da linguagem vão apresentando diferentes tipos de transtornos fonéticos: isto é, devido ao fato da criança ainda não possuírem as imagens acústicas adequadas ou também por que seus órgãos de articulação ainda não estejam capacitados para realizar certos movimentos complexos com precisão (DSM IV, 2011).

O terceiro encontro no Atendimento Educacional em grupo, são dois alunos com deficiência auditiva, o aluno do sexo masculino N. S., tem seus dois ouvidos comprometidos e faz uso do aparelho auditivo, tem quatorze anos e cursa o quinto ano do fundamental. A aluna do sexo feminino N. F., tem surdez unilateral, não escuta pela audição esquerda, tem doze anos e está cursando o quinto ano fundamental.

Durante o atendimento percebemos que N.S. tem bastante dificuldade na fala, em pronunciar as palavras e não está alfabetizado e ainda não faz uso da Língua Brasileira de Sinais. Já N.F., também não faz uso da Língua Brasileira de Sinais, mas está alfabetizada; porém, apresenta dificuldade na linguagem e na interpretação.

No decorrer da convivência de um com o outro, houve uma integração e troca do conhecimento prévio, principalmente no momento da leitura dos fonemas com o sussurrofone, estimulando nesse momento de aprendizagem, o cognitivo, a ação cognitiva e o relacionamento na troca de informações prévias. Machesé (1987, p. 172), informa que “uma surdez ou uma deficiência auditiva é qualquer alteração produzida tanto no órgão da audição, como na via auditiva. A classificação mais habitual do ponto de vista médico foi feita em função do lugar onde se localiza a lesão, o que levou a destacar três tipos diferentes: a surdez condutiva ou de transmissão, a surdez neurosensorial ou de percepção e a surdez mista”.



No exercício da leitura dos fonemas observamos que N.S. não conseguia pronunciar o som correto das letras e tinha muita dificuldade na linguagem, e em determinado momento N.S. passou a observar N.F., que por sua vez conseguia fazer a leitura corretamente das letras, mas apresentou muita dificuldade na pronúncia das sílabas complexas, precisando se posicionar estrategicamente em qualquer situação para ouvir melhor o exercício de oralidade. Perroni (1994) discorre que “para explicar o desenvolvimento linguístico dos gêneros, teria que se considerar a singularidade dos sujeitos e a sua maneira particular de interagir com a linguagem e seus interlocutores”.

Tivemos em foco a observação das limitações dos alunos, para compreendermos suas ações e pensarmos nas estratégias do Atendimento Educacional Especializado em grupo, para melhor atendê-los. Respeitando que a ausência de som limita o acesso a linguagem, o que por sua vez influencia no desenvolvimento do pensamento abstrato e reflexivo. Entendendo que ambos precisam de tempo para realizar ou formular o pensamento no retorno das respostas, indo além de suas particularidades.

Machesí (1987, p. 183), informa que “a aquisição do conhecimento está muito relacionada com a capacidade de receber informações e de elaborá-la de forma adequada. Praticamente toda informação é transmitida dos diferentes meios de comunicação: diálogos, livros, cinema, televisão, rádio. Na maioria desses âmbitos, as pessoas surdas têm sérias dificuldades em obter a informação que se transmite. Não é de se estranhar que os surdos tenham conhecimento na realidade muito mais restritos”.

O Atendimento Educacional Especializado em grupo para alunos com surdez na perspectiva inclusiva, estabelece como ponto de partida a compreensão e o reconhecimento do potencial das capacidades. Alves (2010), complementa as afirmações que, “a comunicação total considerou a pessoa com surdez de forma natural, aceitando suas características e prescrevendo o uso de todo e qualquer recurso possível para a comunicação, procurando potencializar as intenções sociais, considerando as áreas cognitivas, linguísticas e afetivas do aluno, respeitando suas particularidades e o tempo de retorno das informações adquiridas”. O desenvolvimento da aprendizagem e das experiências vivenciadas são compreendidas como instrumento de interlocução e de diálogo que prioriza as habilidades e necessidades educacionais específicas dos alunos surdos possibilitando o processo de escolarização.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assomamos à conclusão que as Salas de Recursos Multifuncionais, é uma iniciativa nas Escolas Públicas de Ensino Regular e responde aos objetivos de uma prática do Atendimento Educacional Especializado que garante o acesso, participação e aprendizagem contribuindo para a construção de uma nova cultura de valorização das diferenças implementando ações na perspectiva da Educação Inclusiva, como prevê a

Política Nacional da Educação Especial. O relato de experiência, aqui exposto, narra o experimento do Atendimento Educacional Especializado em grupo, que conjuga igualdade e diferenças como valores indissociáveis, na intenção de incluir e acolher à todos na escola, compreendendo que o Atendimento Educacional Especializado em grupo com deficiências iguais ou diferentes possibilita a integração e suas potencialidades educativas que a escola oferece, ou seja, o conjunto das oportunidades de aprender em termos de educação à partir de critérios pertinentes ao que é próprio e específico da condição humana. Marchesi (2004, p. 210) discorre que, “a educação se propõe a ampliar a capacidade dos alunos: que eles aprendam não apenas estes ou aqueles conteúdos e habilidades, mas que aumentem a capacidade de fazer coisas por si mesmo e sua capacidade de aprender. Com tal propósito transcende-se a noção de inteligência como conjunto de supostamente fixo de aptidões e, portanto, deixa-se para trás também a noção de deficiência com déficit e limitações fixa, ao contrário, ressalta-se o desenvolvimento dinâmico das capacidades e o impulso que a educação pode e deve proporcionar a esse desenvolvimento”.

Neste estudo discutimos os desafios do processo interativo entre fatores externos e internos, responsáveis pela produção das inaptações intelectuais na escola e paradigma da inclusão, aplicada a realidade escolar, destacando as limitações funcionais próprias dos indivíduos e as possibilidades adaptativas que lhe são disponíveis em seus ambientes de vida. A possibilidade de inventar o cotidiano (CERTEAU, 1994), “tem sido a saída adotada pelos que colocam sua capacidade criadora para inovar e romper velhos acordos de resistências e lugares eternizados na educação”. É a determinação em um forte compromisso com a melhoria da qualidade da educação brasileira que está subjacente a todas essas mudanças que estão propostas pela política atual da educação especial.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. O. C de leitura e sudez: um estudo com adultos não oralizados. Rio de Janeiro, 2000.

ALVES, O. de O. (Org) Sala de Recursos Multifuncionais: Espaço para atendimento educacional especializado. Brasília; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico. S. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BOSCOLO, C. C.; SANTOS, T. M. M. A.; Deficiência Auditiva e a Família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência de audição. Distúrbios da Comunicação, São Paulo. Porto Alegre: Artes.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer 12/2001, de 3 de julho de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília: CNE, 2001.

CETEAU, M.; A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis; Vozes, 1994.

GADOTTI, M. Uma escola, muitas culturas. In: GODOTTI, M; ROMÃO, J. E. (Org) Autonomia da escola: princípios e propostas, São Paulo; Cortez, 1997.

JOENK, I. K., Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. Linhas (UDESCL), Florianópolis/SC, 2002.

LEAL, R. B., Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. Revista Ibero Americana de Educacion. OEI, nº 3716, 2005.

MACHADO, R. Educação Especial na Escola Inclusiva: Políticas, Paradigmas e Práticas. São Paulo; Cortez, 2009.

MANTOAN, M. T. E (Org). Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: Editora Moderna, 2001.

Manual Diagnóstico e Estatístico e Transtornos Mentais, 2011.

MARCHESI, A. (1987); El desarrollo cognitivo y lingüístico de los niños surdos. Perspectivas Educativas. Machí Alianza Editorial.

MENIM, O. (2003) Problemas de Aprendizagem. Que prevecion es posible? Santa Fé, Ediciones Homo Sapins.

MILANESE, J. B.; Organização e Funcionamento das Salas Multifuncionais em um Município Paulista. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky. Aprendizado e Desenvolvimento. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2002.

SAVIANE, N. Um grande desafio para o professor. Revista de Educação, nº 16; São Paulo, 2003.

ROPOLI, E. A., et al, A Educação Especial da Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-431-3

